



ÁLBUM DE FAMÍLIA DE SALLY MANN: IMPRESSÕES SOBRE A INTIMIDADE, A INFÂNCIA E A SEXUALIDADE

Jamile Ali Abdallah

RESUMO – Este trabalho pretende apontar a fotógrafa Sally Mann como uma artista que, através da arte, nos traz perspectivas diferentes de olhar a vida. Iremos percorrer um pouco de seu trabalho, a procura de sentido e os conflitos que se evidenciam nos temas que aborda tais como: crianças, família, paisagens. Suas influências e, mais especificamente, a polêmica que o trabalho “Immediate Family” (1992) provocou na década de 1990.

PALAVRAS-CHAVE – fotografia, arte, Sally Mann, nudez

ABSTRACT – This work has the goal to point at the photographer Sally Mann as an artist that brings to us different perspectives of life through art. We will look at a part of her work searching for senses and conflicts that are evidenced in the subjects she approaches like: children, family, landscapes. Her influences and more specifically the polemic that her work “immediate Family” (1992) caused on the decade of 1990.

KEY-WORDS – photography, art, Sally Mann, nude

31

Introdução

Hoje olhamos o mundo e percebemos um avanço tecnológico rápido numa progressão geométrica se compararmos com as décadas passadas do século XX, uma grande euforia e agitação toma conta da sociedade com as descobertas relacionadas a informação e a tecnologia que acontecem a todo momento.

A internet é o “canal” e a palavra do momento é “conectado”, estamos no meio do furacão desta explosão chamada informação e todas as áreas do conhecimento buscam explicações e tentam compreender as diversas transformações que estão acontecendo em nossa sociedade.

A fotografia caminha junto com essas transformações e vem contribuindo para muitas rupturas em nossa história, depois de um longo processo de descobertas, que vem desde a primeira



descrição da caixa escura em (384-322 a.C.) por Aristóteles passando pela descoberta da luz e de como processava a incidência dela através da caixa escura, no tamanho do orifício, no desenvolvimento das diversas lentes e espelhos que possibilitaram ver a imagem sem estar invertida e também ter mais nitidez até a descoberta dos processos químicos que culminariam na impressão da imagem, reconhecida em 1839, na Academia de Ciências e Belas Artes da França.

A invenção rapidamente se espalhou e com a ascensão da burguesia o retrato se torna sua marca, de certa forma o surgimento da fotografia cai como uma luva para a burguesia que encontra no retrato uma forma de se diferenciar da aristocracia e de introduzir o moderno.

Muitos trabalhos durante esses séculos de existência da fotografia provocaram rupturas e junto com outras artes produzirão novas percepções e indagações sobre os comportamentos no decorrer dos tempos. Influenciando, inclusive, o jeito das pessoas se olharem.

Se antes havia a pose, hoje há a procura pelo espontâneo e, assim junto com as revoluções, as guerras e todos os acontecimentos de nossa história desde o advento da fotografia, esta foi trazendo a cena este caminho, as transformações e a trajetória que vêm compondo o nosso imaginário social.

O retrato e o álbum de família se tornaram uma chave para se compreender e conhecer a nossa história, contribuíram para a construção de um imaginário coletivo, imprimiram a marca dos sonhos e das transformações que a sociedade vivencia.

Sally Mann

Sally Mann nasceu em 1951, em Lexington, Virgínia (EUA), onde vive com a família. Casou com apenas 19 anos com Larry Mann de quem teve duas filhas: Jessie, Virgínia e um filho: Emmett, que foram fotografados pela mãe ao longo de suas infâncias, fotos que deram origem ao *Immediate family*, seu terceiro trabalho publicado em 1992.

Antes da publicação de *Immediate Family*, com receio frente à polêmica pelas imagens dos filhos de seus filhos, Sally Mann procurou o FBI a fim de se certificar que não seria acusada pela justiça de envolver os filhos em situações consideradas ilegais.

Também procurou a ajuda de psicólogos no sentido de não causar nenhum dano para os seus filhos com a publicação do álbum. Seus filhos sempre olharam com espanto o exagero e as preocupações geradas em torno da publicação de suas fotos, para eles aquelas imagens eram parte de sua história e, provavelmente, não tinham nenhum motivo para se envergonhar ou temer a publicação das fotos.



Foto 1

Sunday funnies, 1991, de Sally Mann

O álbum de família de Sally Mann nos trouxe curiosidade em conhecer seu trabalho e nos causou a seguinte indagação: que leva um artista a publicar sua intimidade, que percurso a fotógrafa trilhou na captura do seu álbum de família?

O trabalho retrata um pouco da sua vida, o crescer dos seus filhos em contato com a terra que tanta ama, o sul da Virginia, sua relação apaixonada com o lugar em que cresceu, as memórias, os conflitos e as imagens latentes de sua vida. “O lugar é importante, a estação é o verão. É qualquer verão, mas o lugar é meu lar e as pessoas daqui são a minha família”, dizia. (SALLY, 1991, p. 9)

Seu pai era um médico ateu e moralista e essa contradição foi sentida por Sally Mann em sua vida, descreve como sua família tinha hábitos diferentes e que na escola ela e seus irmãos não frequentavam o estudo bíblico.

Sally Mann fala que no decorrer desses anos conseguiu compreender o que seu pai queria dizer quando citava uma fala do filme *E o Vento levou* : “finalmente, nós começamos a acreditar no



que Rhett Butler falou para Scarlet: que reputação é algo que as pessoas de caráter podem viver sem” (*ibidem*, 1991, p. 9)

Podemos perceber na leitura do prefácio o quanto as histórias da sua família, os jardins, a babá Virginia, as montanhas do sul, suas experiências, estão presente no processo do seu trabalho, são coisas do dia a dia, cenas do cotidiano, reflexões sobre as contradições da vida. A memória como um instrumento importante, permitindo uma ponte entre passado e futuro já que para Sally Mann a vida está em movimento.



Foto 2

The Ditch, 1987, de Sally Mann

Nós estamos girando uma história sobre o que está para crescer. É uma história complicada que as vezes fazemos sobre grandes temas: ódio, amor, morte, sensualidade e beleza. Mas contamos tudo isso sem medo e sem vergonha. (*ibidem*, p. 11)

Percebemos, em suas indagações e reflexões, uma semelhança com Clarice Lispector, quando nos propõe a pensar que :

O instante é semente viva. A harmonia secreta da desarmonia: quero não o que está feito mais o que tortuosamente ainda se faz... (LISPECTOR, 1998, p. 12)



Sei que meu olhar deve ser o de uma pessoa primitiva que se entrega toda ao mundo, primitivo como os deuses que só admitem vastamente o bem e o mal e não querem conhecer o bem enovelado como em cabelos no mal, mal que é bom... Fotografo cada instante. Aprofundo a palavra como se pintasse, mais do que um objeto, a sua sombra... (*ibidem*, p. 13)

Mas o instante-já é um pirilampo que acende e apaga, acende e apaga. O presente é o instante em que a roda do automóvel em alta velocidade toca minimamente no chão. E a parte da roda que ainda não tocou, tocará num imediato que absorve o instante presente e torna-o passado. Eu, viva e tremeluzente como os instantes, acendo-me e me apago, acendo e apago. Só que aquilo que capto em mim tem, quando está sendo agora transposto em escrita, o desespero das palavras ocuparem mais instantes que um relance de olhar. Mais que um instante, quero o seu fluxo. (*ibidem*, p. 14)

Todo o trabalho da fotógrafa é voltado para o seu canto, sua terra, o que estiver a sua volta, mas as crianças vem primeiro, numa recordação da sua própria infância, ela clica seus filhos em brincadeiras e cenas corriqueiras do dia a dia.

A Fotografia e Sally Mann

35

A fotógrafa americana estudou na faculdade de Hollins em 1974, conseguiu diversas concessões, incluindo o Guggenheim e o Endowment nacional para os *fellowships* das artes, livros incluem seus trabalhos “Imediatte Family” (1992), “Em doze: Retratos de mulheres novas”: “E Terra da mãe: paisagens recentes da Geórgia e de Virginia”. Suas fotografias estão em coleções permanentes de diversos museus, incluindo o Museu de Arte Moderna e o Museu de Whitney da arte americana em Nova York. (ARTNET, 2006)

Sally Mann nos mostra, em seu trabalho, que a vida e a morte estão relacionadas a nossa existência, que a mortalidade é fato, o despertar para as sensações e percepções que temos de suas imagens nos remete a nossa própria história.

Numa entrevista, ao ser abordado sobre o significado do seu trabalho e a escolhas dos seus temas, Sally responde que fotografa aquilo que está a sua volta, que faz parte da sua vida, da região onde vive, as entranhas do sul da Virginia, as montanhas, os ossos pelo caminho e as crianças a sua volta. (ART 21, Entrevista com Sally Mann, 2006)



Foto 3
The Infant Bridal, 1864

Influenciada por uma caixa de negativos (10.000) de vidro que a fotógrafa encontrou no sótão da universidade de Lexington em 1972, negativos que Sally Mann descobriu que se tratavam de vistas da região onde morava, dos rios, dos penhascos que estão a sua volta, ela passa a retratar no trabalho “imagens da terra mãe” que, segundo a fotógrafa, parecem recordar lugares esquecidos no passado. (ART. 21, Motherland, 2006)

Trabalhando com uma câmera 10 X 8 que necessitava da mão da fotógrafa como obturador, usando lentes danificadas que causavam muitos riscos, e o deslocamento do foco faziam parte do processo fotográfico que se construiu no século 19 e que ela incorporou no seu trabalho.

Uma das influências sobre o seu trabalho foi a fotógrafa Julia Margareth Cameron que nasceu em Calcutá em 1815, estudou na França, viveu na Índia e depois na Inglaterra, e começou a fotografar por hobby, enquanto seu marido passava muito tempo longe por causa do seu trabalho. Procurou fotografar tudo o que estava a sua volta, usou os negativos de vidros e passou a fazer



retratos. Sua ambição como fotógrafa era “fixar ao caráter e os usos da arte elevada combinando real e ideal, e não sacrificando nada da verdade por devoção a poesia e a beleza.”(DIMBOLA, 2006)

Seus álbuns de família são valiosos não só como história de uma família mas como fonte de informação sobre a sociedade Vitoriana, trouxe inovações no retrato usando lentes diferentes e buscando poses mais espontâneas.

Impressões sobre sexualidade, intimidade, infância, sexualidade e álbum de família

O que leva um artista a revelar sua intimidade num ensaio fotográfico, oito anos do seu cotidiano, em momentos mágicos, cenas polêmicas que são construídas associando a arte e a vida expondo o olhar da fotógrafa na sua relação como mãe e artista. Queremos tecer algumas considerações que nos amplie a compreensão da dificuldade de se evidenciar os conflitos, inclusive a questão da sexualidade, acreditando que com isto estamos coibindo os abusos e perversões sexuais, principalmente os relacionadas a crianças, já que cada vez mais em nossa sociedade vemos a procura por pornografia infantil e o crescimento de abusos em relação as elas: ou a repressão aos sentimentos e a imposição da culpa contribui para que desvios importantes possam ocorrer, por que precisamos viver na hipocrisia?

37

Indagações que fazemos diante da polêmica gerada pelo trabalho de Sally Mann e a associação do seu trabalho à pornografia.

Em “Retratos de Família” Miriam Moreira Leite nos apresenta um panorama sobre a atração que exerce o álbum de família em nossas sociedades e suas implicações no processo de produção de conhecimento que o álbum de família também pode desnudar, para a autora :

A atração dos retratos de família corresponde, pois, a uma necessidade de identificação com sua imagem. A necessidade de ver como os outros nos veem e procurar ligações com o eu interior, que se dissocia através da busca de semelhanças e contrastes nos outros e nas metamorfoses que o tempo inscreve naquele presente atual ou transcorrido. (LEITE, 2005, p. 36)

As imagens de Sally Mann são desconcertantes e causaram um forte impacto na sociedade americana quando foram publicadas. Ainda hoje o trabalho é fruto de polêmica pelas cenas de intimidade e nudez, evidenciando o despertar da sexualidade de uma forma rara e preciosa.



Assim percebemos a criação fotográfica conjugando o pensar e a imagem na sua relação direta com os desejos e anseios daquele que o faz, suas ideias, suas crenças, sua alma, o que imagina, o que quer exposto no seu recorte, no seu instante, sua captura tortuosa daquilo que virá a ser, mas que só sendo poderá ter algum sentido.

Leite fala sobre o trabalho da fotógrafa feminista inglesa Jô Spence, sua proposta de retratar conflitos e problemas de toda a ordem no nosso cotidiano, relacionando a produção fotográfica com a memória que pode acontecer em diversos momentos da vida. Esta procura hoje de ter álbuns de família que retratem comportamentos espontâneos, que nos permita uma proximidade maior com aquele momento fotografado em nossa memória. Como nos diz Leite: “Hoje se quer retratos naturais e sem pose, na tentativa de captar novamente a realidade.” (*ibidem*, p. 38)

Percebemos uma liberdade de expressão de Sally Mann, quando causa estranhamento e traz à cena discussões importantes sobre a nossa existência captadas em momentos triviais do cotidiano fugindo completamente das regras estabelecidas para os retratos, Leite nos fala sobre os retratos formais e informais:

os primeiros continuam a ser padronizados sobre a dignidade do grupo familiar (...) e os outros (...) continuam a registrar unicamente instantes alegres de solidariedade, encobrindo os conflitos e as transgressões. (*ibidem*, p. 37)

Benjamin(1985) fala sobre o surgimento dos álbuns, com suas capas duras ocupando lugar de destaque na casa, de como essas fotos eram feitas, com seus fundos e fantasias para se guardar para a posteridade, a fotografia caminhava de mãos dadas com a técnica, o surgimento da ótica possibilitando mexer nas sombras. “No entanto o decisivo na fotografia continua sendo a relação entre fotógrafo e sua técnica.” (BENJAMIM, 1985, p. 100)



Foto 4
Rue des Ursins, 1900

Outra influência no trabalho de Sally Mann é a do fotógrafo francês Eugene Atget, que utilizando a técnica do processo molhado do colódio conseguia compôr o olhar das suas imagens como que perdidas em algum lugar do tempo.

Benjamin fala de Atget e de como esse veio a inaugurar o surrealismo, trazendo ar fresco com suas imagens dissociadas do estabelecido, imagens perdidas, vagando pela cidade de Paris foi nos contando através de suas imagens, uma Paris que desconhecíamos.



Sally Mann vivencia nestas experiências a fragilidade da vida, no exercício da sua criação captura cenas bucólicas e provoca com seu trabalho a visibilidade do conflito, do inusitado, da percepção de estar “rodando uma história sobre o que está para crescer . É complicado e algumas vezes tentamos pegar grandes temas como : ódio, amor, morte, sensualidade e beleza.” (MANN, 1988, p. 11)

Nesta perspectiva trilhada por Sally Mann no seu trabalho percebemos o exercício de uma linguagem fotográfica que está muito próximo do objeto, consciente que a fotografia é um “*abrigo do tempo*” como supõe Morin, quando nos diz que:

É claro que se deseja ver, e não apenas tirar fotografias. Mas o que se procura, o que se vê, é um universo que , ao abrigo do tempo ou, pelo menos, suportando vitoriosamente a sua erosão, é já, por si próprio, recordação. (MORIN, p. 26)

O que nos leva a recorrer a Saiman E. (2005), quando reflete sobre Barthes dizendo que este surpreende no livro *Câmara Clara* propondo uma nova possibilidade de se pensar a fotografia fugindo de toda racionalidade dada para a análise das imagens, procurando um novo viés de indagação ao se colocar como vivendo a fotografia .

40

O propósito de Barthes era claro (...) Deixava, de vez, nas estantes de um esquecimento necessário, os sistemas, os códigos, os tratamentos semiológicos de que, até então, tinha-se utilizado (...). Um outro prazer e um novo desejo acenavam no horizonte de sua busca do tempo, de sua sexualidade, de sua vida, de seu trabalho: o prazer do imaginário. (SAIMAN, 2005)

Assim como nos dizem estes autores iremos por estas pistas procurar as indagações e as relações destas inquietações com o trabalho de Sally Mann,. Sensações e percepções que nos motivam a refletir sobre nossa existência, com a procura de novas possibilidades diante das transformações da sociedade e, principalmente, como acontece e se processa o uso deste conhecimento na sociedade.

Entendemos que a fotografia pode ser uma linguagem que nos permita delinear características que a percepção imaginária nos evidencia em *clicks* curiosos que nos envolva e nos permita vivenciar um outro espaço e um outro tempo.

Saiman nos fala que Barthes apresenta um leque de dúvidas e questões ainda por se descobrir, quando propõe um ensaio sobre a fotografia sem se prender a nenhuma estrutura



determinada de análise, buscando o ser da fotografia em nós mesmos, colocando-se na posição de observador e de retratado .

A fotografia pode expressar o lugar entre o bem e o mal, o louco e o lúcido, o médico e o monstro, o criador e a criatura, deixar vir a tona está dualidade inerente do ser humano. E, diante da produção de conhecimento presente em nossas sociedades, não podemos ignorar determinadas condutas. O trabalho de Sally Mann foi duramente criticado pelos conservadores americanos e tachado como pornografia, o que nos faz indagar o porquê de tanta polêmica. Sabemos que a pornografia é muito consumida e que também existem muitos problemas de desvios de origem patológica relacionados ao sexo envolvendo crianças; e, embora sejam comportamentos criticados e, eventualmente, punidos em nossa sociedade, existe por parte das autoridades e da própria conduta da sociedade o costume de se fazer vista grossa, fazer de conta que não viu, ou que não acontece.

Não é nossa intenção enveredarmos por está discussão, nosso propósito é apenas situar estas questões em relação ao trabalho da fotógrafa Sally Mann, considerado por muitos como pornográfico, porque mostra seus filhos nus em cenas que evidenciam o da sexualidade.

Vemos em Guidens, no livro *A intimidade da sexualidade*, a transformação da sexualidade nas sociedades modernas, um histórico de diferentes sociedades, a supremacia da sociedade patriarcal e como essas transformações vêm ocorrendo no decorrer do último século, por influência dos diversos grupos exigindo seus direitos e o exercício de diferentes opções sexuais, e como esses movimentos contribuíram para as mudanças nos relacionamentos em nossa sociedade atual.

Isto nos faz perguntar onde está a lógica entre a produção de conhecimento e o uso que se faz desse, como compreender e permitir que as pessoas façam seu uso, procurando discutir e solucionar problemas como pedofilia, além de muitos outros desvios relacionados ao sexo e que, durante muito tempo, foram encobertos em nossa sociedade .

O que indagamos é que não devemos tratar a questão com hipocrisia, pois a sexualidade está presente em nossa sociedade, e as transformações nos relacionamentos vêm desmontando mitos e preconceitos, consolidados através de religiões e de tradições culturais ligadas aos sistemas econômicos e políticos. Esses vêm, no decorrer da história, contribuindo para determinar comportamentos. O exercício da sexualidade vem ocasionando diversas rupturas de comportamento sociais, a exposição e a informação proporcionada pelo advento de novas tecnologias, ainda que não alcance a toda a população, vem contribuindo para ampliar as discussões e também possibilitar novas perspectivas de se pensar os problemas da nossa sociedade.



Tratamos a fotografia sem nos prendermos à história de uma forma linear, não iremos nos preocupar em apresentar a sequência de fatos relacionados à fotografia, somente algumas observações para nos situarmos o nosso olhar sobre o trabalho de Sally Mann.

O percurso da vida vem em instantes, olhares sorrateiros pelas frestas, impressões que vêm como um gotejar criativo, respingos de lucidez apaixonante. Para quem se vê em meio a este burburinho enlouquecido e insano que move o mundo moderno, a sociedade respira novas tecnologias, informações e novas possibilidades, além disso a crise está presente em todas as áreas do conhecimento. Parece-nos que, diante da impossibilidade de demarcarmos a totalidade da nossa realidade, a fotografia é uma possibilidade de superarmos a linearidade da escrita e inscrever a nossa análise num tempo circular.

Conclusão

Neste artigo procuramos trazer à tona caminhos de discussão que o trabalho de Sally Mann nos proporciona, e como a questão da criança e a sexualidade necessita de atenção na educação, nas famílias e nos mais diversos espaços educativos presentes em nossa sociedade. Isso porque hoje ainda não sabemos determinar tudo que já virou espaço educativo, pois diferentes perspectivas de uso dos espaços nos mostram que a educação, o aprendizado podem estar presentes em muitos lugares e com a contribuição de muitos outros tempos.

Sally Mann, vivencia a relação contraditória entre as oposições real/imaginário, vida/morte, racional e irracional, o sujeito no exercício de sua dualidade, as concepções de mundo impregnadas no fazer fotográfico.

As imagens de Sally Mann têm o impacto de nos colocar diante de nossas vísceras, podemos nos ver em seus retratos na construção do nosso ser, momentos de vida e morte, o nascer e morrer tão nitidamente retratados no crescer de suas crianças, os primeiros sinais de sexualidade brotam naturalmente diante dos lampejos da morte da infância, suas faces nos olham e nos dizem estamos crescendo com tudo que isto significa – prazer, alegria, dor, morte, vida.

As sociedades modernas sofreram profundas transformações no decorrer dos últimos séculos, hoje as crianças são consideradas. Na declaração de seus direitos temos todas as considerações que deveriam ser respeitadas; em teoria temos excelentes leis, entretanto a prática de respeito ao direitos dos cidadãos ainda está longe de ser uma realidade presente em todo o nosso planeta, e percebemos como esse trabalho nos levou a uma questão delicada inserida nos



relacionamentos familiares, e que hoje com o entrelaçamento entre o público e o privado nos leva a muitas discussões sobre a ética, a moral, a sexualidade.

No livro *A transformação da intimidade*, Anthony Giddens faz um interessante relato destas transformações para ele :

A infância mais parece ser uma fase que prepara o indivíduo para uma participação posterior, mais autônoma, em um mundo adulto, do que uma fase da vida da qual, como adulto, o indivíduo precisa tentar escapar. Mas o relacionamento pais-filhos, assim como outros, é um relacionamento do qual o indivíduo tem de se libertar, embora não de um modo normal, pois ele se desintegra da mesma forma que em um relacionamento amoroso adulto. (GIDDENS, 1992, p. 127)

A fotografia tem como característica peculiar impressões e sensações que são particulares de cada indivíduo e a leitura destas percepções são apropriadas e sentidas pelo indivíduo.

O retrato de família de Sally Mann nos mostra a conflituosa família, a dor e a angústia de crescer conjugando alegria e dor, romper as dificuldades de se expressar e poder conviver com a transformação, sem medo e vergonha .

Mais do que qualquer tradição, os relacionamentos são hoje construídos, não existe apenas uma única opinião que irá determinar a conduta de todos, diferentes maneiras se defrontam e estabelecem um diálogo para aquilo que está por ser construído, vivido.

A busca de viver uma vida vivida por nossas escolhas. Não somos iguais aos nossos pais, assim como eles também não eram iguais aos seus, contar a história no presente, trazendo o passado como aprendizado.

A dor vem do intervalo, do silêncio, do não ter o que dizer, e em nossa sociedade atual, terra globalizada e celebrada pela imagem do espetáculo, vemos a banalização da dor, a fuga da dor a substituição por soluções efêmeras, instantâneas, mágicas, que a sociedade de consumo pode dar através dos seus produtos.

A sociedade de consumo tem preocupação voltada em vender seus produtos, contribui para a imagem de que “temos” de viver como numa “família margarina”, a prática é incentivar o consumo inclusive como uma solução para qualquer problema inclusive os emocionais.

Trazendo à tona uma discussão e evidenciando o desenvolvimento explícito da sexualidade da criança, tecendo em quadros fotográficos instantes preciosos da vida. A família de Sally Mann retratada durante os anos (1984 a 1992) é sedutora e de uma força reveladora poderosa, que nos



obriga a pensar, é como se fosse um momento em que não se pode e nem se consegue fingir que não viu.

Existem muitas discussões acerca do papel e das consequências que os avanços tecnológicos causam, uma preocupação muito insistente em se procurar o novo, o diferente, uma busca alucinada de novas formas, ideias, de se pensar e fazer arte.

Sally Mann, ao revelar a intimidade do seu retrato de família, evidencia a segurança de quem tem o que dizer, e porque mostrar suas imagens nos fazem ver o conflito que faz parte da existência humana, no processo de descoberta e transformação da criança em adolescente, o retrato do desafio em se expor publicamente com imagens desconcertantes diante do que se está previamente estabelecido.

Podemos considerar a necessidade de se inverter o foco e em vez de procurar desesperadamente pelo novo, tentarmos usar os instrumentos tecnológicos que estão aí de uma forma diferente, que traga resultados na transformação da sociedade, a possibilidade de podermos vivenciar na prática a produção do conhecimento que temos da humanidade, romper definitivamente com o comportamento hipócrita tão presente e consolidado com a ascensão da burguesia, e estabelecer um posicionamento coerente entre a teoria e a prática.

44

Fugir daquela família onde tudo tinha que ser escondido e que na foto todos deviam estar sorrindo a procura do retrato com algo a dizer e não apenas o registro de uma cena montada para impressionar, a tentativa de viver a vida em função de nossas próprias escolhas.

O instigante da obra de Sally Mann é o poder de nos fazer confrontar com nossa fragilidade, perdidos e abandonados como naqueles instantes corriqueiros do cotidiano, ver o que aprendemos a esconder, disfarçar, este desnudar carregado de sentido, que rompe com as imagens plásticas que todos os dias invadem nossa vida.

Remete-nos a incertezas, coloca-nos face a face com os vestígios de uma sexualidade que vem a tona, que se desvenda em momentos sorrateiros, vãos, brechas do dia a dia e que escapam aos modelos determinados, invadindo fronteiras.

A vida privada vem à cena pública, desnuda sua autenticidade, fugindo das poses preparadas para o retrato de família, onde normalmente se escondem os conflitos e todos buscam passar uma imagem de perfeita harmonia.

Podemos viajar na história em busca de compreender as diversas fogueiras: primeiro a da Santa Inquisição trazendo intolerância, impondo um único pensamento como verdade absoluta;



depois temos com a ascensão e consolidação da burguesia a fogueira das vaidades, com a hipocrisia e a mediocridade moldando comportamentos, a aparência torna-se o principal atributo; hoje caminhamos para a fogueira da essência, uma preocupação evidente com tudo o que vem escorrendo pelos dedos depois de tanto tempo cristalizados na aparência e na moral hipócrita.

Ao olharmos as sociedades modernas sob uma perspectiva holística estamos nos apropriando e fazendo uso do conhecimento produzido pelos homens, percebemos que não é possível viver sonhando com um projeto ideal, milagroso que irá resolver os nossos problemas como num passe de mágica, estamos começando a entender que as diferenças existem e precisam ser respeitadas, que os problemas precisam ser discutidos e não é uma lei que vai resolver problemas enraizados em nossa sociedade e constantemente alimentados pela falta de visão, a cegueira é evidente.

O trabalho de Sally Mann é mais uma possibilidade de se olhar a fragilidade do ser humano. Vestígios de uma vida, que foi classificada de forma intolerante por uma parcela da sociedade americana conservadora e reacionária, como propaganda pornográfica.

A pedofilia é um desvio de comportamento patológico e que deve ser combatido, as crianças devem ter seus direitos respeitados, entretanto não é proibindo e condenando trabalhos que envolvam a nudez que vamos resolver este problema, a nudez faz parte de nossa vida, o que vemos é mais uma tentativa de ficar na aparência, como se não pudéssemos nos ver e que qualquer nudez nos levaria a algum ato insano. Estamos fugindo daquilo que está em nós, as bancas estão cheias de revistas, as meninas se exibem nas passarelas e nas revistas numa sexualidade plástica construída e banalizada, e aí quando ficamos face a face com as imagens dos filhos nus de Sally Mann, cria-se uma paranoia – isto é prato cheio para os pedófilos – quer dizer que devemos nos esconder, pois senão provocaremos desejos nas pessoas de mentes doentes?

Estamos nos rendendo ao patológico, insano, doente, antes de tudo um doente imaginário, antes de acontecer estamos prevendo? Sabemos que não é preciso ir muito longe para encontrarmos lugares onde as crianças são exploradas sexualmente, as autoridades têm conhecimento e nada fazem. Onde está o insano?

As sociedades devem combater estes abusos e para discuti-los com propriedade deve se ir além, e isso significa romper com modelos determinados, o que entra em contradição com as regras do jogo, e a lei acaba se tornando um instrumento de manutenção das regras.

As imagens de Sally Mann são como reflexos da complexidade da vida moderna e da responsabilidade em digerir a dor do crescimento no adulto, suas imagens nos remetem a este crescer



e nos fazem acreditar na possibilidade de transformar as relações sociais e possibilitar uma discussão mais profunda sobre a sexualidade e a infância.

A tecnologia vem bombardeando o mundo com suas novidades, a todo momento uma novidade chega ao mercado, as emoções são transformadas em mercadoria e qualquer movimento diferente logo é enquadrado e apresentado como uma das diferentes possibilidades, enquadrado perde sua força e provavelmente será esquecido como alguma coisa que não entrou na moda.

Suas imagens nos fazem fugir desse lugar-comum, levam-nos a perceber algo mais, causam-nos estranhamento e levam-nos a refletir a procura de compreensão dessas questões.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ATGET, Eugene, Cour du Dragon. Schirmer Art Books, 1927.
- BENJAMIN, Walter. Obras Escolhidas Magia e Técnica Arte e Política, Editora brasiliense, 4 ed 1985.
- CAMERON, Julia Margareth, In Focus. Photographs from the J. Paul Getty Museum, 1996.
- DEMO, Pedro. Metodologia Científica em Ciências Sociais. Atlas1989
- DUBOIS, Philippe. O Ato Fotográfico. Papitus Editora, 2004.
- GUIDDENS, Anthony. A transformação da Intimidade. Unesp 1992.
- LISPECTOR, Clarice. Água Viva. Rocco, 1998.
- MANN, Sally, Immediate Family. Aperture, 1992.
- PERSICHETTI, Simonetta. Imagens da Fotografia Brasileira 1. Sena 1997.
- SAMAIN, Etienne. O Fotográfico. Editora Senac, 2005.
- SARAMAGO, José. Ensaio sobre a Cegueira. Companhia das Letras, 2004
- YALOM, Irvin. Quando Nietzsche Chorou. Ediouro, 1995.
- YALOM, Irvin. A Cura de Schopenhauer. Ediouro, 1995.
- SHEPS, Marc. Fotografia do século XX. Museu Ludwig de Colônia. Taschen
- ROBERTS, Molly. Família Modelo. www.smithsonianmagazine.com/issues. Acesso em 26 maio de 2006.
- ARTNET. Biografia de Sally Mann. www.artnet.com/artist/11072/sally_mann. Acesso em 26 maio de 2006.
- ART.21, Entrevista com Sally Mann. www.pbs.org/art21/artists/mann/clip3.html Acesso em 26 maio de 2006.



ART.21, Série Motherland. <http://www.pbs.org/art21/artists/mann/card2.html> Acesso em 26 maio de 2006.

DIMBOLA, Julia Cameron. <http://www.dimbola.co.uk>. Acesso em 03 junho de 2006.

LEITE M. L. Miriam. O fotográfico Etienne Saiman Org. Retratos de família: imagem paradigmática no passado e no presente, p. 36. Editora Hucitec , 2005.

GIDDENS, Anthony. A Transformação da Intimidade. Editora Unesp . 1992. p. 127.

YALOM, D. Irvin. A cura de Schopenhauer. Ediouro Publicações Ltda 2005.

ANEXOS

Imagem nº 1 – MANN, Sally, Immediate Family. “Sunday funnies” 1991, p. 10.

Imagem nº 2 – MANN, Sally, Immediate Family. “The Ditch”, 1987, p. 10.

Imagem nº 3 – CAMERON, Julia Margareth, In Focus. “ The Infant Bridal” 1864, p. 20.

Imagem nº 4 – ATGET, Eugene, Cour du Dragon. “Rue dès Ursins” 1900.

Imagem nº 5 – MANN, Sally, Immediate Family. “Winter Squash” 1988, p. 18.

